



XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

## **MODELO AGROEXPORTADOR: A IMPORTÂNCIA DA ECONOMIA CAFEIEIRA NO BRASIL**

Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará, Brasil

### **RESUMO**

Este trabalho investigou o modelo econômico agroexportador, que prevaleceu em países da América Latina desde o período colonial até meados do século XX. No Brasil, esse modelo foi abandonado no início do século XX, quando o governo Vargas implementou uma política de industrialização, através do Modelo de Substituição de Importações. O objetivo central foi demonstrar a importância do ciclo cafeeiro para a economia brasileira durante a vigência do modelo agroexportador. A metodologia adotada consistiu em um estudo bibliográfico detalhado, baseado em obras de autores renomados na área da economia brasileira. Concluiu-se que, o modelo agroexportador foi utilizado por mais de 400 anos, sendo a força motriz da economia brasileira, afetando todos os setores da economia e desempenhando um papel importantíssimo no desenvolvimento da economia brasileira e deixando marcas que persistem até os dias de hoje.

**Palavras-chave:** *modelo agroexportador; ciclo do café; economia brasileira.*



## XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

### **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho apresenta o modelo econômico agroexportador brasileiro, dando ênfase ao seu período áureo, o ciclo do café. Foi um modelo utilizado em grande escala, principalmente, nas colônias europeias na América, a partir de 1500 até meados do século XX. O Brasil passou por vários ciclos econômicos, alguns menos expressivos, como o do pau-brasil, outros de maior relevância, como o do açúcar e o do ouro, até chegar ao último e mais lucrativo de todos, o ciclo do café. Esse ciclo ocorreu principalmente na República Velha, e causou as maiores mudanças até então vistas no país, deixando várias marcas perceptíveis até hoje, tanto na dinâmica econômica, como social.

Na elaboração deste trabalho foi utilizada a metodologia de revisão e pesquisa bibliográfica de livros, documentos e artigos, dando prioridade aos clássicos da literatura histórico-economia brasileira e mundial. Organizado em cinco seções, onde se inicia com a introdução desse trabalho; na sequência foi explicado o modelo agroexportador; em seguida foi feito um apanhado histórico sobre os ciclos agroexportadores; depois procurou-se discutir o ciclo do café e sua relevância, vantagens e problemas; e, por fim, são apresentadas as conclusões finais deste trabalho.

### **2 O modelo agroexportador**

É um modelo econômico caracterizado pela produção de bens primários, com a finalidade de exportá-los. Esses produtos não passam por processo de industrialização e não são destinados ao mercado interno, sendo assim, a demanda não é influenciada pelos consumidores locais, sendo assim, dependente da demanda externa, que é o consumidor final da produção (SILVESTRE, 2022).

Seus fundamentos se baseavam na “Teoria das vantagens comparativas” de David Ricardo, que postula que os países deveriam se especializar em produzir e exportar o que fosse



## XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

comparativamente mais vantajoso, e foi essa lógica que vigorou nas colônias europeias na América (RICARDO, 1982). Na relação Metrópole-Colônia, o novo continente passou a ser condicionado a produção de matérias-primas para exportação para a metrópole, enquanto as metrópoles se industrializavam e exportavam para as colônias seus manufaturados. De 1500, com o início da colonização, passando pelo período imperial, até o final da república velha, em 1930, a economia brasileira dependeu, quase que exclusivamente, das suas exportações, que durante todo esse período eram constituídas por commodities agrícolas. Além disso, o setor exportador exercia poder de irradiação sobre todos os outros setores da economia, devido seu efeito dinâmico, alta rentabilidade, concentração de recursos naturais e de capital. Contudo, esse modelo gerava uma tendência a deterioração dos termos de troca, pois os preços das exportações tendiam a cair frente aos preços das importações (GREMAUD; VASCONCELOS; TONETO JÚNIOR, 2007).

Devido a dependência das exportações de produtos primários, considerando a deterioração dos termos de troca, inevitavelmente, há uma tendência a níveis de crescimento menores para economias agroexportadoras em relação as economias centrais. Mostrando assim uma perspectiva de menor desenvolvimento, ou até mesmo subdesenvolvimento, das economias agroexportadoras no longo prazo. Essa perspectiva negativa de desenvolvimento e a alta vulnerabilidade, fizeram com que os países que o adotaram buscassem mudar seu modelo de desenvolvimento, no caso brasileiro, isso se deu através do fortalecimento do setor industrial.

### **3 Apanhado histórico da economia brasileira**

A colonização da América, foi um empreendimento econômico sustentado principalmente pelo modelo agroexportador. Nesse empreendimento, a primeira atividade econômica que os portugueses empregaram no Brasil foi a exploração de pau-brasil, nos primeiros anos do século. Esse pode ser considerado o 1º ciclo econômico agroexportador no Brasil. Durante esse breve período, devido à pressão de outras potências europeias - que acreditavam que Portugal só teria direito sobre as terras efetivamente ocupadas – se deu o início da ocupação do Brasil. Após a ameaça de uma possível fixação francesa nas terras brasileiras,



#### XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

a coroa portuguesa se interessou em defendê-las, por um processo mais amplo e seguro, a ocupação efetiva do território através do povoamento e colonização. Surgindo assim, o segundo ciclo econômico, o ciclo do açúcar. Portugal, que já tinha experiência na produção de açúcar em ilhas do Atlântico, e tinha as indústrias de equipamento para os engenhos açucareiros bem desenvolvidas. Além disso, como motivador principal, o açúcar era muito apreciado no mercado europeu (FURTADO, 2003).

Esse novo ciclo se estendeu do século XVI ao século XIX, e seu período de apogeu ocorreu quando foram exportados para a Europa mais de 5,2 milhões de arrobas de açúcar, em 1822. Foi esse ciclo o responsável por constituir a base econômica para a fixação definitiva dos portugueses em terras brasileiras. Com isso, houve grande deslocamento populacional da Europa para o Brasil, investimentos de capital nos engenhos e a importação de milhares de escravizados da África subsaariana (SIMONSEN, 2005).

Nesse período, a demanda por açúcar na Europa cresceu constantemente, desde o século XVII, fazendo com que esse virasse o principal artigo do comércio internacional, o que beneficiou muito a economia portuguesa, pois a partir do cultivo de cana-de-açúcar no Nordeste brasileiro, os portugueses se tornaram os maiores produtores e exportadores de açúcar do mundo. É importante ressaltar que Portugal obrigava que a colônia produzisse apenas produtos primários, e todo, ou quase todo produto da colônia era exportado para a metrópole (Portugal).

Não obstante, no século XVIII, Portugal começou a enfrentar a concorrência holandesa no mercado açucareiro, então, a partir daí, notou-se que não seria mais possível continuar com o açúcar como principal fonte de rendimentos da colônia. Logo, os esforços portugueses voltaram-se para a busca de metais preciosos, em especial o ouro (FURTADO, 2003).

Durante o século XVIII, foram feitas expedições chamadas de “entradas e bandeiras”, em busca de metais preciosos no interior da colônia, dando início ao 3º ciclo agroexportador do Brasil, o ciclo do ouro. Logo, no início das expedições, foram encontradas no interior da capitania de São Paulo, que expandia seu território junto ao avanço dos bandeirantes, pedras e metais preciosos, colocando toda a área conquistada pelos bandeirantes em evidência. O período de maior sucesso do ciclo do ouro ocorreu por volta de 1750 a 1760, quando o Brasil



## XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

exportou em ouro para a Europa o equivalente a cerca de 2,5 milhões de libras esterlinas. Esse ciclo começou então a declinar fortemente a partir de 1780, com isso, os lucros da Coroa Portuguesa caíram consideravelmente, o que os fez voltar a buscar novas formas lucrativas de explorar a colônia (FURTADO, 2003).

Em 1807, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, algumas medidas políticas foram tomadas, entre elas a abertura dos portos, que possibilitou a entrada de bens oriundos de outros países no Brasil, não apenas Portugal, mas também seus países amigos, como a Inglaterra, isso fez com que o mercado brasileiro fosse tomado por mercadorias inglesas (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Isso deu mais autonomia à economia brasileira, que a partir desse momento tinha comércio exterior próprio. Nesse período foi revogado um alvará expedido pela Coroa Portuguesa, em 1785, que proibia a abertura e operação de manufaturas no Brasil, pois a produção manufatureira na colônia ia contra a lógica mercantilista da época, que determinava que a colônia exportava bens primários à metrópole e importava bens manufaturados da metrópole. Logo em seguida foi declarada a independência do Brasil, em 1822, e assim houve a separação definitiva de Portugal. Nesse momento, o novo país passou a ter autonomia para gerir a própria economia e liberdade para investir em outros empreendimentos, além da economia agroexportadora. A partir do declínio do ciclo do ouro, o Brasil começou a exportar uma variedade de produtos primários, chegando a 25 tipos diferentes de produtos, como algodão, açúcar, cacau, pau-brasil etc. (SILVESTRE, 2022).

Já no século XIX, um novo produto primário começou a ganhar força no mercado internacional, o café. Um século antes, por volta de 1720, as primeiras mudas de café haviam chegado ao Brasil, mas a sua produção só se intensificou a partir de 1820 (FURTADO, 2003). Durante as décadas de 1830 a 1840, a produção de café brasileiro passou a ser feita em grande escala, surgindo assim, o ciclo do café. Esse novo ciclo, foi o de maior sucesso do modelo agroexportador, o café chegou a representar entre os anos de 1921 e 1930, cerca de 69% das exportações do Brasil. Esse ciclo de sucesso durou até a década de 1930, quando Getúlio Vargas, como presidente, buscou estrategicamente industrializar o país (PONTES, 2015).



#### XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

### 4 Economia cafeeira

No século XIX, devido ao aumento da demanda por café, principalmente por países da Europa e pelos Estados Unidos, houve grande incentivo para se aumentar a produção brasileira, com isso, as plantações de café cresceram e se espalharam pelo interior de São Paulo e Rio de Janeiro. Ao longo desse período, a produção de café cresceu de tal maneira que, em 1850, era responsável por quase metade das exportações brasileiras (GREMAUD; VASCONCELOS; TONETO JÚNIOR, 2007).

Segundo Prado Júnior (1949), a região Centro-sul do Brasil, por possuir condições climáticas e solo mais apropriados, foi a escolhida para a cultura do café. Algumas pequenas plantações foram feitas em várias regiões do país, porém a primeira grande área cultivada foi o Vale do Paraíba, uma região que abrange o Litoral Norte do estado de São Paulo e o Litoral Sul do estado do Rio de Janeiro. Nessa região a produção chegou aos seus maiores níveis entre 1860 e 1880, porém a mão-de-obra utilizada era escrava e com o fim da escravidão o cultivo dessa região entrou em rápido declínio, que foi agravado com a Proclamação da República em 1889, e conseqüentemente o fim da monarquia no Brasil. A segunda grande área de produção cafeeira foi o Oeste Paulista, mas dessa vez com alguns aspectos diferentes, os trabalhadores eram imigrantes europeus assalariados, principalmente italianos, ao invés de barões apoiadores da monarquia. Existiam, também, os coronéis do Partido Republicano Paulista, a partir desse período que se deu início a implantação de estradas de ferro no Brasil.

Apesar do sucesso do ciclo cafeeiro, o modelo era extremamente sensível às crises internacionais, que podiam causar grandes danos a economia brasileira como um todo, dado que todos os setores da economia dependiam direta ou indiretamente das exportações de café, como setor dinâmico e irradiador da economia brasileira, destacando assim a vulnerabilidade do modelo agroexportador. Outro ponto importante na economia cafeeira era a sua frequente oscilação de preços, que poderia ser causada tanto por fatores que afetam a demanda quanto a oferta. Do lado da demanda essas oscilações se deviam principalmente aos ciclos da economia mundial, já pelo lado da oferta eram os fatores internos que podiam afetar a produção, como geadas e pragas, que podiam fazer cair a oferta ou investimentos nos aumentos dos cafezais.



#### XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

Durante os períodos de crise causadas pelas oscilações dos preços do café no mercado internacional, o governo brasileiro não tinha muitas ferramentas para defender a economia nacional. Porém, é possível constatar dois mecanismos de defesa da economia cafeeira no período de queda dos preços no mercado internacional, quais sejam: a desvalorização cambial e a política de valorização do café (GREMAUD; VASCONCELOS; TONETO JÚNIOR, 2007).

Na perspectiva de Furtado (1986), a utilização desses mecanismos tinha efeitos positivos e negativos em toda a economia. Com a política de desvalorização cambial, era possível manter a renda dos cafeicultores em moeda nacional, e ao fazer isso, os níveis de emprego eram mantidos, evitando o desemprego em massa no Brasil. A manutenção do nível de rentabilidade e emprego no setor cafeeiro eram os pontos positivos da desvalorização cambial, que também repercutiram positivamente sobre o restante da economia, devido ao seu efeito multiplicador.

Contudo, esse mecanismo gerava dois outros problemas: uma tendência à superprodução e uma socialização das perdas. No primeiro, a desvalorização cambial acabava escondendo os sinais do mercado, pois quando os preços do café caíam, significava um sinal de excesso de oferta, e sem saber disso, os produtores acabavam investindo cada vez mais em plantações, tendendo a ocasionar uma superprodução, desvalorizando cada vez mais a moeda nacional, pois quanto maior a oferta, menores seriam os preços no mercado internacional. Já no segundo, devido a moeda nacional ser cada vez mais desvalorizada, as importações ficavam cada vez mais caras, e como na economia agroexportadora a maioria dos bens manufaturados e de consumo eram importados, isso acabava gerando altos níveis de inflação que afetava a todos, gerando assim uma socialização das perdas, pois todos pagariam pelas perdas do setor cafeeiro (FURTADO, 1986).

Segundo Gremaud, Vasconcelos e Toneto Júnior (2007), o outro mecanismo utilizado pelo governo para proteger a economia brasileira foi a política de valorização do café, que foi adotada pela primeira vez após o Convênio de Taubaté, em 1906. Essa política era caracterizada pela retenção de parte do café em estoques, diminuindo a oferta, com o objetivo de que os preços se recuperassem ou que pelo menos parassem de cair. A estocagem funcionava da



#### XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

seguinte maneira: no período da safra, que é quando há mais oferta e conseqüentemente os preços caem, o governo estocaria parte dessa oferta para o preço não cair demais, e na entressafra, quando há menos oferta, devido a uma quantidade menor de produtos no mercado, o governo liberava aos poucos a produção estocada no período de safra. Assim, o governo sempre manteria um nível de oferta e preço dos produtos de forma que nem os produtores nem os consumidores perdessem devido às oscilações de preços do mercado. Essa política de estocagem foi adotada posteriormente, em 1924, como um mecanismo permanente de defesa do café, sendo utilizado sempre que fosse necessário. Para tanto, o financiamento se fez à custa do financiamento externo e, em outros momentos, do crédito interno, a partir da emissão de moeda.

Porém, essa política, assim como evidenciado na política cambial, também desencadeou outros problemas: i) a estocagem estimulava a superprodução, pois os vendedores vendiam o café a preços mais altos do que os preços de mercado, e também porque não havia mais risco dos preços caírem, pois o governo estava garantindo os níveis de preços; ii) a estocagem feita pelo governo brasileiro acabava incentivando que outros países investissem na produção de café, pois ao regular a oferta de café no mercado internacional, a política brasileira mantinha o mercado lucrativo, gerando assim mais concorrência internacional. Devido aos altos lucros da economia cafeeira, todos os recursos acabam convergindo para esse setor. Isso acabou acentuando nos últimos anos da República Velha a tendência de superprodução do setor cafeeiro (GREMAUD; VASCONCELOS; TONETO JÚNIOR, 2007).

Nesse sentido, as políticas de desvalorização cambial e valorização do café adotadas pelo governo brasileiro acabaram agravando ainda mais essa tendência de superprodução. No ano de 1930, a soma de dois fatores foi catastrófica para a economia brasileira: a superprodução de café e as conseqüências da crise de 1929, com a quebra da Bolsa de Nova Iorque. Com isso a demanda por café no mercado internacional caiu e junto com ela os preços do café, enquanto isso, o governo brasileiro estocava cada vez mais café e desvalorizava cada vez mais o câmbio, com o objetivo de proteger o setor cafeeiro e sustentar o nível de emprego e renda nacionais, chegando ao ponto de nas décadas de 1930 e 1940 o governo ser obrigado a queimar estoque



## XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

de café, porque não era possível repô-lo no mercado (GREMAUD; VASCONCELOS; TONETO JÚNIOR, 2007).

Assim, pode-se assumir que a crise dos anos 1930 foi o ponto de ruptura do modelo de desenvolvimento econômico brasileiro. Devido a fragilização do modelo agroexportador, veio a necessidade de superar os constrangimentos externos e o subdesenvolvimento através da industrialização. Porém, para isso, seria necessário gerar poupança e a transferir para a indústria, sendo preciso mudar radicalmente a estrutura política do Brasil, fazendo um rompimento com o Estado oligárquico que existia até então, descentralizar o poder da República Velha e centralizá-lo no governo federal. Foi justamente na Revolução de 1930 que isso aconteceu, nela foi fortalecido o Estado Nacional e novas classes econômicas ascenderam ao poder, o que possibilitou transformar o desejo de industrializar o país num projeto nacional de desenvolvimento com Getúlio Vargas (GREMAUD; VASCONCELOS; TONETO JÚNIOR, 2007).

### **5 Considerações finais**

Foram várias as marcas econômicas, políticas e sociais deixadas pelo ciclo do café, dentre as quais está a industrialização do Brasil, pois quando o setor cafeeiro se expandia (em função do aumento de suas exportações, vale frisar), evoluía o processo de formação de capital na indústria brasileira, em função, principalmente, do aumento na disponibilidade de divisas para importação de máquinas e equipamentos em geral. Havia assim uma tendência de expansão do setor industrial, que conseqüentemente substituiu o setor cafeeiro e o modelo econômico agroexportador.

O estabelecimento da hegemonia política e econômica do estado de São Paulo também é consequência desse período. Até os dias de hoje, o estado de São Paulo é o estado financeiramente mais rico e mais populoso do país e muito disso se deve ao ciclo do café. Com o declínio do ciclo do café também veio o fim do baronato do café, a última grande elite social do Brasil. Outro grande impacto da economia cafeeira foi a construção de uma malha ferroviária



## XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

que tinha como objetivo escoar a produção do interior até os portos do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Assim, conclui-se que o modelo agroexportador, em especial o ciclo cafeeiro, desempenhou um papel de suma importância no desenvolvimento econômico do Brasil. Sendo o modelo utilizado por mais tempo, desde o início do Brasil colônia com o ciclo do pau-brasil, até seu último ciclo, o do café. Devido ao seu predomínio na economia brasileira, como o setor que serviu de força motriz e com poder afetar todos os outros setores da economia é possível notar que houve efeitos positivos e negativos para o país. Contudo, apesar das dificuldades enfrentadas enquanto estava sendo utilizado, foi justamente nas franjas do ciclo do café que a indústria brasileira teve sua origem, para posteriormente se desenvolver e iniciar um novo modelo econômico no país, o de substituição de importações.

## REFERÊNCIAS

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 32. ed. São Paulo: Editora Nacional, 2003.

FURTADO, C. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

GREMAUD, A. P.; VASCONCELOS, M. A. de; TONETO JÚNIOR, R. **Economia Brasileira Contemporânea**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2007.

PONTES, F. **A revolução de 1930 e a Industrialização na Era Vargas (1930-1939)**. 2015. Monografia (Bacharelado) - Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1949.

RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVESTRE, J. G. H. **O modelo agroexportador brasileiro: a experiência do descobrimento ao século XXI**. Uberlândia: [s.n.], 2022.

SIMONSEN, R. **História Econômica do Brasil, 1500-1820**. 4. ed. Brasília: Editorial do Senado Federal, 2005.